

Citicorp pretende investir

Nova Iorque — Em entrevista ao "Wall Street Journal", o presidente do Citicorp, John Reed, disse que não houve mudança de atitude dos bancos quanto à negociação com os países devedores, e acrescentou que sua instituição está disposta a investir nos países endividados, além de transformar suas dívidas em investimentos.

Ele também rejeitou as especulações da imprensa, de que a decisão do Citibank de aumentar suas reservas para fazer frente a possíveis créditos incobráveis tenha rompido a frente de negociações sobre a dívida. E explicou:

"Se o Brasil se organizar e apresentar aos bancos uma proposta, não vejo qualquer motivo para que as negociações se processem amanhã em clima diferente ao da semana passada".

Segundo Reed, devedores e credores ficarão em melhor situação "se alcançarem acordos bancários mais saudáveis, e acrescentou que esse conceito de mais saudável é usado "no sentido da maturação".

"Um crédito de 20 anos não é um negócio bancário, já que nunca se poderá recuperar a liquidez sobre as carteiras da dívida", disse ele, para acrescentar que considera tola a posição do México, de não aceitar investimentos diretos de capital como parte do acordo para receber dinheiro novo.

Depois de defender a transformação da dívida em investimentos, ele disse: "Creio que o investimento é atualmente algo muito melhor para o Brasil do que um empréstimo para seu Banco Central, pois esse empréstimo a 20 anos estará sujeito a renegociações à vontade da parte que o concede".

Ao insistir na idéia da transformação da dívida em investimentos, o presidente do Citicorp afirmou que

esse processo não somente é um alimentador da atividade econômica, como também contribui para melhorar a qualidade da carteira do investidor, ao mesmo tempo em que produz receita para o governo local.

Ele considera mais provável a possibilidade de o Citibank realizar alguns investimentos diretos "naquilo que tenha sentido do ponto de vista econômico". A esse respeito disse que o banco tem um pequeno pacote de ações na Bolsa de São Paulo, "para adquirir experiência de sua administração naquela praça". Além disso, acrescentou, o Citibank é associado de uma empresa brasileira que administra fundos mútuos, com o que já conseguiu obter um certo conhecimento do mercado.

De acordo com Reed, se surgir a possibilidade de um investimento de capital em um país latino-americano, o banco poderia solicitar ao governo a autorização para colocar "centenas de milhões de dólares em um investimento específico de capital, com a idéia de só começar a reclamar a volta desse capital em um prazo de dez anos".

Segundo o banqueiro, o melhor é investir na mesma instituição, e a esse propósito conversou com autoridades mexicanas, para aumentar em cem milhões de dólares o capital do Citicorp no México e realizar alguns investimentos. "Mas os mexicanos encaram essa possibilidade com reservas".

Ao final, disse Reed: "lamentavelmente, o único mercado suficientemente grande para que se possa pensar em investimentos em ações é o Brasil, e esse mercado vem passando por problemas". Mas o banco acredita que em dois ou três anos poderão ocorrer ajustes.